

## ENSINO REMOTO NA PANDEMIA DA COVID-19: DESIGUALDADES E IMPLICAÇÕES NA SAÚDE DE UNIVERSITÁRIOS COM DEFICIÊNCIA

*REMOTE TEACHING DURING THE COVID-19 PANDEMIC: INEQUALITIES AND IMPLICATIONS FOR THE HEALTH OF UNIVERSITY STUDENTS WITH DISABILITIES*

*ENSEÑANZA REMOTA DURANTE LA PANDEMIA DE COVID-19: DESIGUALDADES E IMPLICACIONES PARA LA SALUD DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS CON DISCAPACIDAD*

Raíssa Matos Ferreira<sup>1</sup>

Rosiane Oliveira de Amorim<sup>2</sup>

Suzy Kamylla de Oliveira Menezes<sup>3</sup>

Neiza de Lourdes Frederico Fumes<sup>4</sup>

Código DOI

### Resumo

Este artigo teve como objetivo analisar as implicações do ensino remoto na saúde de universitários com deficiência durante a pandemia da COVID-19. Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa. Utilizamos a análise de conteúdo para organizar os dados a partir da aplicação de um questionário, via *Google Forms*, com 33 universitários vinculados a uma universidade da região Nordeste do país. Os dados foram analisados a partir da Psicologia Sócio-Histórica e apontam a falta de acessibilidade dos AVAs, a dificuldade do uso das tecnologias digitais, a sobrecarga de trabalhos acadêmicos, a falta de apoio institucional, o enfrentamento de estresse, ansiedade, oscilações de humor, alterações de apetite e sono, além da dificuldade de concentração. Concluímos que o NAC e o acompanhamento psicológico são recursos fundamentais de apoio à saúde mental e à aprendizagem de universitários com deficiência.

**Palavras-chave:** Ensino Remoto. Saúde de Universitários. Psicologia Sócio-Histórica.

### Abstract

*This article aimed to analyze the implications of remote teaching on the health of university students with disabilities during the COVID-19 pandemic. This is a qualitative-quantitative research. We used content*

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, Brasil. Email: [raissamatos16@gmail.com](mailto:raissamatos16@gmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3421-2899>

<sup>2</sup> Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, Brasil. Email: [rosianneamorim@gmail.com](mailto:rosianneamorim@gmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5928-9430>

<sup>3</sup> Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, Brasil. Email: [suzy.kamylla@gmail.com](mailto:suzy.kamylla@gmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6804-1464>

<sup>4</sup> Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, Brasil. Email: [neizaf@yahoo.com](mailto:neizaf@yahoo.com) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1913-4784>

*analysis to organize data from the application of a questionnaire, via Google Forms, with 33 university students linked to a university in the Northeast region of the country. The data were analyzed from Socio-Historical Psychology, and point out the lack of accessibility of VLEs, the difficulty of using digital technologies, the overload of academic work, the lack of institutional support, coping with stress, anxiety, fluctuations in mood, changes in appetite and sleep, and lack of concentration. We conclude that NAC and psychological support are fundamental resources to support the mental health and learning of university students with disabilities.*

**Keywords:** Remote Teaching. Health of University Students. Socio-Historical Psychology.

### **Resumen**

*Este artículo tuvo como objetivo analizar las implicaciones de la enseñanza remota en la salud de estudiantes universitarios con discapacidad durante la pandemia de COVID-19. Esta es una investigación cuali-cuantitativa. Utilizamos análisis de contenido para organizar los datos a partir de la aplicación de un cuestionario, vía Google Forms, con 33 estudiantes universitarios vinculados a una universidad de la región Nordeste del país. Los datos fueron analizados desde la Psicología Sociohistórica y señalan la falta de accesibilidad a los AVA, la dificultad de uso de las tecnologías digitales, la sobrecarga de trabajo académico, la falta de apoyo institucional, el afrontamiento del estrés, la ansiedad, las fluctuaciones del estado de ánimo, los cambios en el apetito y el sueño, y falta de concentración. Concluimos que la NAC y el apoyo psicológico son recursos fundamentales para apoyar la salud mental y el aprendizaje de los estudiantes universitarios con discapacidad.*

**Palabras clave:** Enseñanza Remota. Salud de los Estudiantes Universitarios. Psicología Sociohistórica.

### **Introdução**

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020) declarou a COVID-19 — uma doença causada pelo SARS-CoV-2 (Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2) — como uma pandemia, e, como forma de prevenção do contágio, recomendou o isolamento e o distanciamento social. Entretanto, os efeitos dessas medidas foram de forma desigual, especialmente entre as populações vulneráveis.

No Brasil, país de imensa extensão territorial e enorme desigualdade social, destacamos o grupo de pessoas com deficiência, que, de diferentes formas, foi severamente atingido pela pandemia. Conforme Pereira *et al.* (2021), esse grupo populacional, historicamente invisibilizado de ações públicas, precisa de olhares apurados, especialmente em tempos de novo coronavírus, pois vive sob condições mais acentuadas de pobreza, privação de bens materiais e imateriais, enfrentando inclusive, a negação sistematicamente da acessibilidade.

Vale ressaltar que, quando falamos em desigualdade social, não estamos nos referindo apenas à desigualdade de renda, mas a um fenômeno complexo e multifacetado, sustentado por diferenças historicamente e culturalmente construídas, que se manifestam sob a distribuição e o acesso a bens e serviços. Entre os serviços ofertados à sociedade, destacamos a educação perpassada pelo fenômeno da desigualdade social (Bock; Kulnig; Fumes, 2020).

Por isso, diante do avanço da vacinação contra a COVID-19 e da flexibilização das medidas de distanciamento social, é importante destacar o processo de retorno às aulas presenciais nas universidades públicas. Nesse contexto, refletir sobre essa realidade, que incorpora diferentes aspectos, e buscar compreender e contribuir para o processo de ensino-aprendizagem no pós-pandemia constitui um desafio imposto para aqueles comprometidos com uma educação de qualidade para todos.

Desse modo, vale rememorar que devido ao necessário distanciamento e isolamento social, no âmbito educacional brasileiro, no dia 7 de maio, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou um parecer com orientações para a reorganização do calendário escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia (Brasil, 2020). Sendo assim, as instituições de ensino superior implementaram o Período Letivo Excepcional (PLE), com o objetivo de garantir a continuidade do ano letivo e adaptar-se às exigências impostas pelo cenário epidemiológico decorrente da pandemia da COVID-19.

Diante disso, destacamos, conforme a OMS (2020), que os riscos relacionados à infecção pela COVID-19, as inúmeras incertezas e a obrigatoriedade do distanciamento e isolamento social têm implicado na saúde da população. Assim, as pessoas têm vivenciado pressões psicológicas, estresse e, em muitos casos, o desenvolvimento de transtornos mentais ou o agravamento de quadros pré-existentes.

Nesse sentido, identificamos a necessidade de compreender a realidade estudada a partir da Psicologia Sócio-Histórica, que permite a produção de um conhecimento capaz de situar o objeto de estudo na totalidade social. Ou seja, compreendemos que, por trás da desigualdade social, há o ser humano em sua integralidade — corpo e mente, emoção e razão — ao mesmo tempo determinado pela sociedade e capaz de transformá-la, de forma que o que acontece com um afeta o outro (Sawaia, 2009).

Visto isso, consideramos importante a produção de estudos que se debruçam sobre a discussão de estratégias para enfrentar os impactos na saúde das pessoas. De acordo com a Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz, “[...] as medidas de distanciamento social são frequentemente consideradas desagradáveis

por quem as experiencia” (Brasil, 2020a, n.p.). Portanto, é necessário refletir sobre como as pessoas têm vivenciado as diversas mudanças em suas rotinas e sobre as práticas de autocuidado adotadas para a manutenção da saúde, sobretudo neste período atípico de crise sanitária e humanitária.

Diante desse cenário, temos como objetivo geral: analisar as implicações do ensino remoto na saúde de universitários com deficiência durante a pandemia da COVID-19. Para tanto, utilizamos a análise de conteúdo temática de Minayo (2010) para organizar os dados obtidos neste estudo, os quais são interpretados com os referenciais teórico-metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica.

## Método

Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa. De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2013), este tipo de pesquisa também denomina-se mista, pois reúne tanto os métodos de pesquisa quantitativo quanto qualitativo para aprofundar a compreensão dos dados, a fim de responder aos objetivos de determinado estudo.

Acerca da pesquisa *on-line*, Flick (2009) destaca que o levantamento *on-line* de dados, por meio do uso de questionários como instrumento de produção de dados, apresenta vantagens para realização de estudos, sobretudo em termos de baixo custo, tempo, facilidade de uso, ausência de restrições espaciais e índice de respostas.

Considerando isto, utilizamos como instrumento de produção de dados um questionário com 27 perguntas, sendo 2 de múltipla escolha sobre saúde mental durante a pandemia, 3 abertas e 5 de múltipla escolha referentes às práticas de autocuidado para a saúde; ou seja, como os estudantes de uma universidade da Região Nordeste do país têm se sentido durante a pandemia de COVID-19 e os desafios referentes ao uso dessas durante o ensino remoto.

O questionário foi elaborado na plataforma do *Google Forms* e divulgado no *site* da universidade, assim como em redes sociais, para que os universitários com deficiência tivessem acesso e se disponibilizassem a colaborar, confirmando sua participação por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O período de produção de dados ocorreu entre junho e julho de 2021, e a pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética sob o CAAE 47081721.8.0000.5013.

Os dados produzidos foram analisados com base na análise de conteúdo temática, elaborada por Minayo (2010, p. 209), que se propõe a “[...] descobrir os núcleos de sentido que compõem uma

comunicação cuja presença ou frequência seja significativa para o objetivo analítico visado”. Essa proposta, segundo a autora, funciona em etapas, por operações de desmembramento do texto em unidades de registro e contexto e em categorias para reagrupamento analítico posterior, comportando dois momentos: o isolamento dos elementos e a classificação das mensagens a partir dos elementos repartidos.

Portanto, foram elaboradas três categorias temáticas, a saber: “As significações de universitários com deficiência sobre a COVID-19”, “Implicações do ensino remoto na saúde mental de universitários com deficiência” e “As práticas de autocuidado realizadas pelos universitários com deficiência durante o ensino remoto”. Ressaltamos que os relatos dos sujeitos foram interpretados a partir das categorias historicidade, sentido e significado, sob a mediação da Psicologia Sócio-Histórica. Diante disso, são apresentados dados quantitativos e gráficos, assim como alguns blocos de falas dos sujeitos vinculados a uma universidade da Região Nordeste do Brasil, tendo em vista melhor compreender os resultados encontrados.

## **Resultados e discussão**

Neste tópico, é apresentada a caracterização dos participantes desta pesquisa. Para caracterização, levamos em consideração o tipo de deficiência autodeclarada, o curso de graduação que estão matriculados e se cursaram o PLE. A pesquisa contou com 33 estudantes público-alvo da Educação Especial, que se dispuseram a colaborar. O grupo foi formado por 51,5% de estudantes com deficiência visual, 30,3% com deficiência física, 9,1% com Transtorno do Espectro Autista (TEA), 6,1% com deficiência auditiva e 1% com “outro tipo de deficiência”. Os sujeitos desta pesquisa estudam em diferentes cursos de graduação distribuídos nos *campi* da capital e do interior.

Destarte, consideramos importante relacionar o exposto com um dado do Resumo Técnico do Censo da Educação Superior (2021), sobre o quantitativo do tipo de deficiência autodeclarada pelos universitários, publicado pelo Ministério da Educação (MEC) / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Assim, destacamos que:

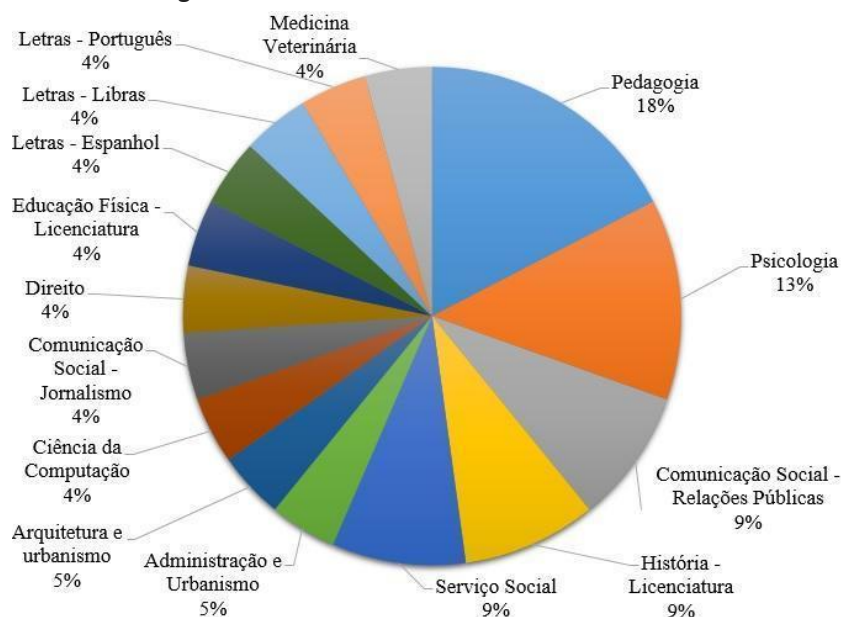
Em 2019, 50.683 matrículas de graduação, ou 0,6% do total, são declaradas com registro de deficiência, transtorno global do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação. Importa esclarecer que uma mesma matrícula pode apresentar mais de um tipo de

declaração. Do conjunto de declarações referido, as mais comuns são: deficiência física (32,3%), baixa visão (27,4%) e deficiência auditiva (13,0%) (Brasil, 2021, p. 37).

A partir disso, apesar de o número de matrículas de alunos do público alvo da Educação Especial na educação superior ter crescido, é válido ressaltar que ainda representa um número ínfimo em relação ao total de matrículas nesse nível de ensino. Ainda percebemos também, que segundo o Censo, a maior proporção de autodeclarações de universitários com deficiência refere-se à deficiência física (32,3%).

Portanto, ao relacionarmos esses dados com este estudo, observamos que o maior quantitativo apresentado, no que se refere aos 33 universitários, 51,5% são pessoas com deficiência visual. Diante disso, serão apresentados os dados quantitativos dos cursos em que os universitários estão inseridos no *campus* principal da universidade.

**Figura 1 – Cursos de universitários com deficiência**



**Fonte:** Elaboração própria (2021).

A partir do gráfico, observamos que os estudantes estão distribuídos em 15 cursos de graduação, sendo os mais frequentados os cursos de Pedagogia, Psicologia, Comunicação Social — Relações Públicas, História — Licenciatura e Serviço Social. Constatamos que a presença de alunos com deficiência em cursos de Ciências Exatas e Naturais é menos expressiva. Nesse sentido, ao tratar sobre a (in)visibilidade de

peessoas com deficiência visual em cursos de Ciências Exatas e Naturais, Bonfim, Mól e Pinheiro (2021) argumentam que posturas excludentes, tais como a exclusão de pessoas com deficiência visual em ambientes de laboratório, e a postura discriminatória de certos professores e colegas de turma são indicativos do capacitismo, que podem dificultar a permanência e, ao mesmo tempo, o interesse de pessoas com deficiência visual por esses cursos.

No que tange ao PLE 2020 e 2021.1, 30,3% dos universitários cursaram apenas parcialmente as disciplinas; 27,3% cursaram todas as disciplinas; 21,2% não se matricularam; 12,1% cursaram, mas não concluíram; e 9,1% cursaram e desistiram parcialmente.

Diante do exposto, faz-se necessário ressaltar sobre a entrada das pessoas com deficiência na universidade, sobretudo a importância da permanência nesse contexto educacional, de modo que os direitos dos universitários sejam garantidos durante o processo de ensino e aprendizagem. Acerca disso, abordamos a categoria historicidade para reflexão, reconhecendo o aumento significativo dos números de matrículas nas Instituições de Ensino Superior (IES) nos últimos anos. Portanto, conforme Aguiar e Machado (2016), a categoria historicidade:

Trata-se de um movimento determinado por relações de forças dialeticamente articuladas, as quais se constituíram no decurso da existência cotidiana dos acontecimentos, muitas vezes, triviais, comuns, mas constituídos pela totalidade histórica, entendida sempre como em movimento, como própria de um período determinado (Aguiar; Machado, 2016, p. 264).

Diante disso, é importante pensar sobre os movimentos sociais e políticos de pessoas com deficiência junto aos pesquisadores, que se debruçam na construção de estudos em prol da garantia de direitos voltados para o acesso e permanência nas IES. Nessa direção, considerar as condições objetivas e subjetivas da realidade dessas pessoas é fundamental, pois suas lutas diárias fomentam a construção de estratégias de enfrentamento, principalmente durante a atual pandemia, que agrava ainda mais a invisibilidade de sujeitos historicamente marcados por sucessivas violações de direitos.

Portanto, pensar sobre as relações que se constroem nesses processos é considerar um movimento que vai para além da sucessão dos fatos que são datados cronologicamente, como a elaboração e a implementação de documentos oficiais nacionais e internacionais que garantem os direitos educacionais das pessoas com deficiência. Em relação a isso, Hammes e Nuernberg (2015) destacam a importância da inclusão das pessoas com deficiência no contexto laboral, ressaltando a urgência da luta

pela garantia de políticas de ações afirmativas e pelo enfrentamento das barreiras enfrentadas por estudantes com deficiência nas IES. Tais medidas são fundamentais para viabilizar uma formação inclusiva, capaz de preparar futuros profissionais para o exercício de suas atividades laborais.

Posto isto, reiteramos a necessidade de refletir sobre essas questões, considerando os movimentos que constroem a totalidade histórica do fenômeno aqui discutido. A seguir, apresentamos a análise referente à primeira categoria temática elaborada.

### **As significações de universitários com deficiência sobre a COVID-19**

Para iniciarmos esta seção, serão apresentados alguns dados com o propósito de conhecer a realidade vivenciada pelos universitários durante o período de ensino remoto. Portanto, questionamos o que é a COVID-19, se os participantes foram infectados pelo novo coronavírus, como avaliam as condições de acessibilidade das informações sobre a disseminação e prevenção da doença, bem como as barreiras enfrentadas nesse contexto. Primeiramente, destacamos as categorias de sentido e significado, que foram utilizadas na análise de alguns recortes de falas.

De acordo com Vigotski (2009), a elaboração conceitual de alguma palavra se dá no contexto sociocultural. Posto isso, destaca que o significado da palavra é uma generalização, que se constitui através da palavra e do conceito, considerando a relação dialética entre sentido e significado nesse processo, que é atravessado por um movimento de diversas significações.

Acerca disso, Aguiar e Ozella (2013) discutem sobre a apreensão dos significados e sentidos acerca de determinado fenômeno a partir de Vigotski, enfatizando a importância de considerarmos a relação pensamento/linguagem. Assim, afirmam que essas categorias não podem ser compreendidas de modo descolado, pois se tratam de um par dialético potente para analisar o movimento do fenômeno. Vale ressaltar que as zonas de sentido se aproximam mais da subjetividade dos sujeitos.

De início, o questionário revelou que 81,8% dos universitários não se infectaram pelo coronavírus, enquanto 18,2% afirmaram ter sido infectados. Acerca disso, ressalta-se, conforme o Ministério da Saúde, que há mais de 20 milhões de casos registrados e mais de 580.000 óbitos confirmados (Brasil, 2021). Portanto, pontua-se que, apesar da publicação de queda em indicadores de casos registrados e de óbito

com relação aos meses anteriores, o cenário brasileiro ainda inspira cuidados em relação à doença, posto que ainda há registros de casos, e o processo de vacinação está em andamento.

Quanto às condições de acessibilidade das notícias sobre a disseminação e prevenção da COVID-19, 39,4% afirmam que são regulares, 24,2% são boas, 21,2% são péssimas, 12,1% não sabem responder e 3% são ótimas. No que se refere às barreiras para acessar as informações em relação à COVID-19, 60,6% responderam que não enfrentaram nenhuma barreira para acessar as informações, 21,2% enfrentaram barreiras tecnológicas, 12,1% enfrentaram barreiras comunicacionais, 12,1% enfrentaram barreiras comunicacionais, 9,1% optaram por outras barreiras, 6,1% enfrentaram barreiras atitudinais e 3% enfrentou barreiras físicas.

No que se refere aos dados anteriores, notamos que os dados apontam uma divergência, pois a maioria dos universitários avaliaram as condições como sendo regulares, porém a maioria respondeu que não enfrentaram barreiras para acessar as informações sobre a doença.

Nesse ponto, é importante mencionar que durante o período mais crítico da pandemia, o acesso à informação foi um dos pilares do enfrentamento à COVID-19. No entanto, esse acesso foi desigual, visto que a falta de acessibilidade se faz presente no decorrer da pandemia devido a inúmeras barreiras.

Assim, Barbosa e Almeida (2020) enfatizam a importância da garantia da acessibilidade, pois caso as pessoas com deficiência sejam infectadas pelo novo coronavírus, há um alto indicativo de agravamento do caso de saúde, tornando-as mais suscetíveis ao risco de morte. A seguir, apresentaremos alguns relatos de universitários sobre o que é COVID-19, envolvendo medidas de prevenção:

**Um vírus que acomete principalmente o sistema respiratório, mas que pode prejudicar outros órgãos e que se não leva o infectado a óbito, deixa com sequelas, cognitivos principalmente** (Universitária Carla).

Bom, a Covid-19 é aglomeração de pessoas, por exemplo, ninguém sabe se está com covid ou não. **E tem que se prevenir, usar álcool em gel, lavar bem as mãos, higienização da máscara** (Universitário Arthur).

**Desde que foi descoberta na China o vírus da covid-19 se espalhou pelo mundo, o que foi classificado pela OMS como uma Pandemia com várias mortes pelo mundo ocasionando em problemas de saúde pública, econômica, social e política. Foram colocados meios para diminuir o contágio, segundo infectologistas, o isolamento social, uso de máscaras, uso de álcool em gel e manter o ambiente higienizado para evitar o colapso dentro do sistema de saúde** (Universitário Ruan).

Uma doença transmitida por vírus, de fácil propagação e que pode levar à morte em poucos dias se não tratada devidamente. **Porém, as medidas de prevenção como o uso de máscara, álcool 70 líquido ou em gel, lavar as mãos e outros objetos de uso comum e respeitando o isolamento social podem de fato diminuir a propagação da doença. E o uso da hidroxicloroquina, cloroquina e ivermequitina não servem como medicamentos contra a Covid-19 e nem como prevenção antecipada...** (Universitário Pedro).

Diante disso, consideramos pertinente retomar o conceito de COVID-19, conforme o Ministério da Saúde, a fim de contextualizar os relatos apresentados anteriormente: “A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global” (Brasil, 2021). Portanto, apreendemos que em termos de conceituação, a maioria das falas convergem, e pontuamos que Carla foi infectada pelo novo coronavírus, enquanto Arthur, Ruan e Pedro não se infectaram.

Ademais, destacamos que, em cada relato, alguns elementos apontam as suas significações. Por exemplo, em seus relatos, Arthur, Ruan e Pedro enfatizam em a prevenção, com o objetivo de reduzir a transmissão; assim, ressaltamos, também, de acordo com o Ministério da Saúde, a recomendação de uso de seis medidas preventivas, a saber:

Use máscara o tempo todo, lave as mãos com água e sabão ou use álcool em gel, cubra o nariz e boca ao espirrar, mantenha o distanciamento social mínimo de 1 metro, evite aglomerações, e isole-se ao apresentar sintomas como tosse, dor de garganta e febre (Brasil, 2021, n.p.).

Nessa direção, apreendemos que a maioria dos relatos está em consonância com as orientações do Ministério da Saúde. Além disso, destacamos outros elementos relevantes para a análise, por meio do recorte de duas falas. A primeira refere-se à fala de Ruan, que afirma:

**Desde que foi descoberta na China o vírus da covid-19 se espalhou pelo mundo**, o que foi classificado pela OMS como uma Pandemia com várias mortes pelo mundo ocasionando em problemas de saúde pública, econômica, social e política (Universitário Ruan).

Quanto a isso, também consideramos necessário apresentar brevemente sobre como ocorreu a descoberta do novo coronavírus:

O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos (Brasil, 2021, n.p.).

O exposto nos leva a lembrar sobre as inúmeras incertezas relacionadas à origem epidemiológica, aos modos de transmissão e à prevenção no início da pandemia — assim como a maneira como as informações eram disseminadas nos meios de comunicação. Destaca-se, sobretudo, a (re)produção de diversas *fake news*, que, de alguma maneira, influenciou no comportamento de várias pessoas frente às práticas de autocuidado, ou à ausência delas, e no cuidado com as pessoas ao seu redor.

Nessa seara, pontua-se um trecho da fala do Pedro, que faz menção ao uso do dito “Kit COVID” desenvolvido no país: “E o uso da hidrocloroquina, cloroquina e ivermequitina não servem como medicamentos contra a COVID-19 e nem como prevenção antecipada [...]”. A esse respeito, concordamos com Santos-Pinto, Miranda e Osorio-de-Castro (2021, p. 02), que afirmam: “A defesa do ‘tratamento precoce’, baseado em cloroquina/hidroxicloroquina e outros medicamentos, tornou-se, no Brasil, símbolo do viés político no enfrentamento da epidemia”. Consideramos que o alto investimento realizado pelo então governo nessa defesa configura uma negligência criminosa, pois expôs a população a inúmeros riscos e, em muitos casos, resultou em óbitos.

Dado o exposto, identificamos na fala de Pedro alguns apontamentos que nos fizeram refletir sobre esses possíveis desdobramentos, e que coadunam com as recomendações do Ministério da Saúde, que já comprovou a ineficácia do uso desses medicamentos contra a COVID-19. A seguir, apresentaremos a análise da segunda categoria temática deste estudo.

### **Implicações do ensino remoto na saúde mental de universitários com deficiência**

Entendemos que diante das mudanças abruptas da rotina acadêmica devido à pandemia de COVID-19, há uma preocupação quanto à saúde mental de universitários associada a esse período, uma vez que esse grupo teve que lidar não somente com os problemas relacionados diretamente ao coronavírus (como já apresentado na categoria anterior), mas, também, com a nova rotina imposta pelo ensino adotado, o que pode desencadear inúmeras dificuldades de adaptação e estados emocionais desfavoráveis (Martins *et al.*, 2021).

Desse modo, nesta seção apresentaremos as condições materiais relatadas pelos universitários durante o ensino remoto, bem como as situações que emergem desta realidade social e que podem

impactar na saúde mental de universitários com deficiência. Nesse sentido, é fundamental compreender que certos aspectos subjetivos acompanham e constituem o fenômeno estudado.

Portanto, pautando-nos na Psicologia Sócio-Histórica, que contribui no rompimento da ideia de homem estático, afastamo-nos da realidade que fica na aparência, na descrição dos fatos. Ponderamos que o sujeito não se encontra isolado das construções sociais, mas é compreendido como aquele que se constitui na relação dialética com o social e a história, havendo a necessidade de entender a relação entre a história de cada um, aquela que é diretamente experimentada pelo sujeito individual, e a história social, do mundo. Nesses termos, entendemos que todo fenômeno é histórico e precisa ser compreendido a partir dessa historicidade (Bock, 1999).

Conforme Aguiar e Machado (2016) explicitam, o “ser social”, do qual trata Marx, se constitui como humano na sua relação com a natureza e com os outros sujeitos e, nessas relações, constrói sua própria história. Visto isso, compreendemos que a pandemia da COVID-19 afetou experiências e trajetórias de vida de todos. No entanto, cabe destacar que ela se apresenta de forma distinta aos grupos que estão “ao sul da quarentena”, pois, conforme Sawaia (2020, p. 12) aponta: “[...] o vírus é o objeto que nos afeta, mas não em si e por si, porque ele é marcado pela desigualdade social. Isto significa que a espécie de sofrimento que ele promove é mediada pela desigualdade social”.

Nesse sentido, Almeida (2018) aponta o sofrimento psíquico e suas relações com o meio social. Consideram-se as implicações subjetivas das várias dimensões da vida social que podem potencializar o sofrimento, tais como as relações de trabalho, familiares e interpessoais. Ressalta-se também como as relações capitalistas cronificam determinados modos de vida.

Nesse cenário, concordamos com Pereira *et al.* (2021), quando afirmam que as pessoas com deficiência (PcD) estão entre os coletivos mais afetados pela COVID-19. Isso ocorre porque as PcD experienciam barreiras que as colocam em situação de desvantagem, evidenciada por níveis de saúde precários, rendimento educacional inferior, menor participação econômica, taxas mais altas de pobreza, maior dependência e mais restrições à participação.

Desse modo, os alunos com deficiência carregam marcas da sua historicidade que fazem parte da sua subjetividade. Nessa direção, os elementos de subjetividade, os quais se referem ao campo individual — como sentimentos, afetos, emoções, memórias, imagens e pensamentos — têm sua origem no campo social, uma vez que procedem de todas as vivências, inclusive de procedências diferentes, do sujeito.

Portanto, o sujeito é compreendido como um ser ativo no mundo, ou seja, que o constitui e é constituído por ele (Lima; Carvalho, 2013).

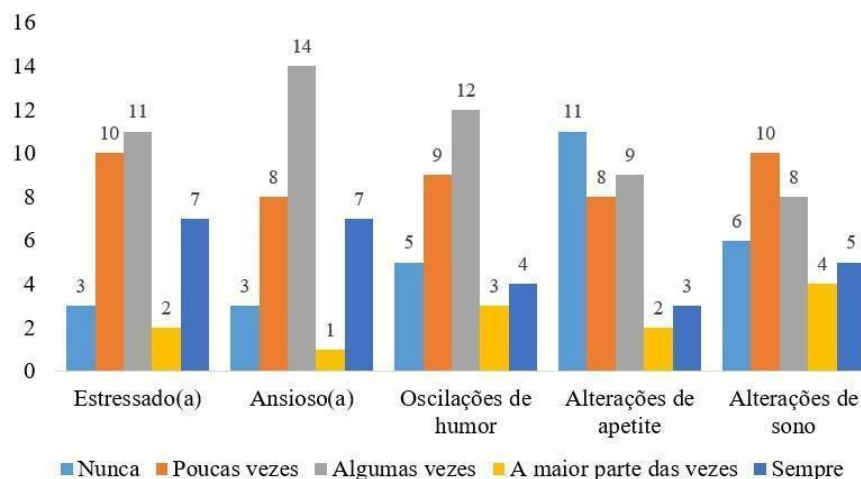
Visto isso, para iniciar a análise dessa categoria, destacamos o conceito de saúde mental a partir da Fiocruz (Brasil, 2021, n.p.): “[...] de acordo com a Organização Mundial da Saúde, saúde mental é um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade”.

Nessa esteira, apresentamos alguns dados que revelam o estado mental dos universitários em uma escala de 1 a 5, indicando o quanto isso afetou o engajamento nas atividades durante o PLE 2020 e 2021.1. Do total, 33,3% responderam escala 1, que corresponde ao valor mínimo; 30,3% responderam escala 5, o valor máximo; 15,2% responderam escala 4; 12,1% escala 2; e 9,1% escala 3.

Chama atenção o número de estudantes (30,3%) que responderam o valor máximo na escala, indicando que o estado mental impactou o engajamento nas atividades durante o PLE 2020 e 2021.1. Ainda sobre isso, consideramos pertinente pontuar, a partir de Mori e González Rey (2012, p. 140), que o processo de saúde “[...] se constitui pelo social, assim como pelas diferentes necessidades e pelos processos individuais que estão organizados nessa experiência, e, do mesmo modo, o adoecimento também é demarcado pelo social, não apenas um processo individual”.

Posto isso, também se abordou em relação ao acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico durante a pandemia. A esse respeito, 72,7% dos estudantes afirmam que não fazem nenhum tipo de acompanhamento, 21,2% já faziam antes do período pandêmico e 6,1% iniciaram durante a pandemia. A seguir, apresentamos o Gráfico 2, que representa, em termos quantitativos, como se sentiram nesse período, tendo em vista alguns aspectos (estresse, ansiedade, entre outros), assim como as frequências descritas nas alternativas da pergunta presente no questionário.

**Figura 2** - Modo como os universitários com deficiência têm se sentido



Fonte: Elaboração própria (2021).

No geral, 14 universitários afirmaram que se sentiram ansiosos em determinados momentos, 12 relataram oscilações de humor, 10 indicaram alterações de sono em poucas ocasiões, 11 universitários responderam que se sentiram estressados em algumas vezes, e 11 universitários responderam que nunca sentiram alterações de apetite.

Portanto, notamos, conforme esses quantitativos, uma predominância maior na alternativa “algumas vezes” em termos de frequência. Nessa direção, apontamos que os universitários mantiveram estratégias de enfrentamento voltados para esses aspectos, considerando algumas das seguintes recomendações da Fiocruz (Brasil, 2020b), por exemplo:

Cuidar do sono: mesmo em situações normais, a falta de sono afeta o funcionamento do cérebro e a regulação das demais funções do corpo. Seu bem-estar depende da qualidade desse descanso; Cuidar da alimentação: assim como o sono, seu corpo necessita de uma alimentação equilibrada para um bom funcionamento mental e físico (Brasil, 2020b, p. 45).

Além disso, ao serem questionados sobre o que têm feito para manter sua saúde mental em tempo de pandemia, os universitários responderam:

Nesse exato momento, **estou sobrecarregada com coisas da universidade**, pois **tô tendo crises de ansiedade e isso me bloqueia, fora as dificuldades referentes à visão. Mas tento ir sempre à terapia e medito em casa** (Universitária Carla).

**Ficando ao lado da família, escutando uma boa música, sempre dando uma lida, fazendo caminhadas é sempre bom, com proteção** (Universitário Paulo).

**Consumido coisas das quais eu gosto como filmes e programas, tocar instrumentos musicais e aprender coisas novas** (Universitário Luan).

**Ler, jogar e assistir vídeos** (Universitário Afonso).

Assim, apreendemos a importância e a necessidade frente ao comprometimento dos universitários na realização de outras estratégias de enfrentamento, também recomendadas pela Fiocruz (Brasil, 2020b), para manutenção da saúde mental apesar das implicações que ocorreram durante esse processo:

Tenha um tempo para oferecer a si mesmo um tempo para passar com aqueles de quem gosta, mesmo que virtualmente. Caso comungue de alguma religião, cultive a fé e seus respectivos rituais. Atividades ligadas às artes ou hobbies que estimulem a concentração e o prazer auxiliam na promoção da saúde mental; Estratégias de administração de estresse: relaxamento, exercícios físicos, sessões de alongamento ou meditação. Há alguns bons aplicativos e canais no *Youtube* que oferecem boas orientações. Técnicas de respiração, podem ser adotadas diariamente e sempre que necessário [...] (Brasil, 2020b, p. 46).

Além disso, ressaltamos, a partir do estudo de Ariño e Bardagi (2018), que o modo como os estudantes enfrentam os estressores acadêmicos e as demais intercorrências no seu processo de formação impactam em sua saúde. Assim, observamos as seguintes falas que expressam como foi a experiência na universidade em tempos de ensino remoto para alguns universitários:

**Tem sido mais estressante, tenso e intenso, além de mais exclusivo devidamente a inacessibilidade dos ambientes virtuais e da maioria dos docentes** (Universitário Marcos).

**Alta dificuldade de concentração devido a grande variedade de distrações e alto nível de estresse devido ao alto número de trabalhos em equipe demandados (tenho uma alta dificuldade em me encaixar nos grupos e não me sinto bem contribuindo pouco)** (Universitário Afonso).

Os recortes acima apresentam as condições objetivas vivenciadas pelos universitários com deficiência no ensino remoto. No entanto, para compreender a realidade concreta para além do imediato, é fundamental, nesse movimento, aproximar-se da categoria mediação. Ao abordar essa categoria, Martins e Moser (2012, p. 9) explicam, com base em Vigotski, a mediação como um “[...] processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento”.

Sendo assim, essa categoria contribui na compreensão de que não existem relações diretas, imediatas. Mesmo aquelas que aparentam ser assim, contêm, em sua essência, múltiplas determinações,

as quais, na e pela relação de contradição que mantêm, engendram o processo de constituição de cada fenômeno (Aguiar; Machado, 2016).

Desse modo, mediante o ensino no ciberespaço, cabe destacar as tecnologias digitais utilizadas na mediação para a aprendizagem. Nessa relação mediatizada, foram evidenciados dificuldades no uso das tecnologias digitais, a falta de acessibilidade dessas plataformas, assim como as condições socioeconômicas, expressas pela falta de um ambiente adequado e recursos apropriados para estudos. Apreendemos das próprias palavras dos estudantes os desafios impostos nessa realidade:

**Conexão com *internet* péssima** (Universitário Cauã).

**Concentração em acompanhar as disciplinas e falta de recursos apropriados para os estudos** (Universitária Luara).

**O barulho das pessoas de casa e dos vizinhos no lugar em que eu resido** (Universitária Bianca).

Como visto, frente à experiência no período do ensino remoto, imposta como única alternativa para continuidade do ano letivo, são necessárias estratégias pedagógicas e ferramentas específicas que garantam o acesso e aprendizagem com qualidade nas aulas *on-line*. No entanto, Silva, Amorim e Fumes (2020, p. 2) pontuam que “[...] existem atravessamentos que devem ser considerados que dificultam o uso por estudantes com deficiência, em particular, que vão desde às questões econômicas ao manuseio do equipamento”.

Nesse contexto, o Núcleo de Acessibilidade (NAC) constitui-se em um dos apoios propostos para colaborar na construção de universidades mais inclusivas, e tem como principal objetivo garantir a inclusão de pessoas com deficiência à vida acadêmica, eliminando barreiras atitudinais, pedagógicas, arquitetônicas e de comunicação (Brasil, 2013).

A instituição em que a pesquisa foi realizada dispõe do Núcleo de Acessibilidade (NAC), que, dentre os serviços ofertados, está o apoio pedagógico aos estudantes e adaptação de materiais pedagógicos. Podemos ponderar ainda, sobretudo no atual contexto de pandemia, a importância do apoio do NAC para possivelmente eliminar as barreiras existentes e contribuir com a permanência de alunos com deficiência e o êxito em seu curso.

A maioria dos estudantes dessa pesquisa apontaram conhecer o NAC; contudo, dizem não terem usufruído efetivamente dessas ações, conforme a fala de Fábria: **“Não foram acessíveis não as atividades para mim. Na verdade, eu acho que foi falta de empenho por parte do NAC, e isso dificultou um pouco”** (Universitária Fábria).

Face ao exposto, inferimos as condições objetivas vivenciadas no decorrer do ensino remoto que impactaram negativamente a experiência de alguns universitários, nem sempre sendo percebidas como positivas. Por outro lado, a fala de Diego evidencia uma percepção de apoio por parte da coordenação do curso, dos professores e dos bolsistas do NAC: **“Sim. Porque eu tenho bolsistas em cada área e ainda continuam com apoio extra sala”** (Universitário Diego).

Essa conjuntura aponta que, dependendo das oportunidades e das condições objetivas, a experiência de aulas *on-line* torna-se mais favorável para aqueles que tiveram apoios. Desse modo, observamos que a falta de acessibilidade dos AVA, a dificuldade do uso das tecnologias digitais, a sobrecarga de trabalhos acadêmicos e a falta de apoio institucional podem afetar diretamente a qualidade do aprendizado, podendo ser aspectos desencadeadores de instabilidade emocional e sofrimento.

Portanto, em relação ao que foi apresentado, destacamos que muitos desafios foram enfrentados, os quais podem impactar a saúde mental de estudantes com deficiência, assim como poderá atingir o processo de aprendizagem, colocando, mais uma vez, esses sujeitos em situação de desvantagem. Deste modo, entendemos que esses dois dispositivos (NAC e Acompanhamento psicológico) constituem recursos fundamentais de apoio à saúde mental e à aprendizagem dos estudantes com deficiência. Enfatizamos, ainda, a importância de que atuem de forma integrada no desenvolvimento de ações conjuntas. A seguir, será apresentada a análise da terceira categoria temática deste estudo.

### **As práticas de autocuidado realizadas pelos universitários com deficiência durante o ensino remoto**

Diante da crise sanitária e humanitária vivenciada, a sociedade científica foi enfática na recomendação para o cuidar da saúde (em todos os seus aspectos). Nesse âmbito, práticas de autocuidado (hábitos benéficos relacionados à saúde mental, emocional, física, social e espiritual) têm sido recomendadas, visando a manutenção da vida, da saúde e do bem-estar.

Acerca disso, segundo a OMS (2003), o autocuidado é um termo utilizado para referir-se ao direito das pessoas de tomarem decisões sobre sua própria saúde. A organização destaca sobretudo, a importância da promoção de estratégias de enfrentamento, com o objetivo de sensibilizar a população quanto à relevância das práticas de autocuidado ao longo da vida.

Nesse sentido, foi elaborado um guia com cuidados recomendados para a manutenção da saúde mental durante esse período pandêmico. Entre os vários pontos abordados, destaca-se o oitavo ponto, a seguir:

8. Cuide de você. Tente utilizar métodos para lidar com a situação como fazer pausas e descansar entre os seus turnos de trabalho e até mesmo tirar um momento dentro do expediente. Tenha atenção ainda aos seus alimentos para manter uma dieta saudável, fazer exercícios físicos e ficar em contato com a família e com os amigos.

Considerando o exposto, analisamos os seguintes dados desta pesquisa: quanto à manutenção das práticas de autocuidado, 42,4% dos universitários afirmaram realizá-las às vezes; 39,4%, que mantêm regularmente; e 18,2% que não as praticam. A seguir, são apresentados alguns relatos voltados para as práticas de autocuidado no decorrer do período de ensino remoto:

**Eu tenho procurado me cuidar me proteger com álcool gel, lavar as mãos, usar máscaras, não fazia aglomerações com isso cuidados, com meu corpo com a minha mente, eu tenho escutado palestras de Pastores, porque é a minha crença é ser Cristã sempre estou procurando fazer o que me dá prazer, como cantar, dançar, ouvir músicas etc** (Universitária Thaís).

**Meditação, retornei depois de mais de um ano a terapia e adquiri 2 cachorros ao qual brinco muito com eles e troco carinhos** (Universitária Carla).

**Aprender coisas novas como tocar instrumentos musicais, consumir coisas das quais gosto como filmes, programas e outras coisas na *internet*, ouvir livros e etc...** (Universitário Luan).

**Evitar o pessimismo, motivar-me quando necessário, conversar com meus amigos sobre coisas internas, exercitar-me, escrever poesias e consumir conteúdos que acrescentam algo de bom** (Universitário Marcos).

A partir dos relatos expostos, e cientes da multiplicidade de conceitos que envolvem os termos cuidado e autocuidado, consideramos importante discuti-los sob diferentes vieses no campo da deficiência. Portanto, apreendemos que a Thaís combinou o uso da prática de autocuidado voltada para as dimensões da saúde física, emocional e espiritual; já a Carla, por sua vez, volta-se para as dimensões

da saúde mental, emocional e espiritual; enquanto Luan expõe a dimensão da saúde emocional, assim como o Marcos, além da saúde social.

Em relação à prática de atividades físicas, 57,6% dos participantes afirmaram que não as realizam, 30,3% disseram que praticam às vezes, e 12,1% responderam que mantêm essa prática regularmente. Durante a pandemia, a maioria (n = 19; 57,6%) relatou não ter conseguido se manter fisicamente ativa, enquanto 10 participantes (30,3%) indicaram praticar às vezes, e apenas 4 (12,1%) afirmaram ter conseguido manter a regularidade nas atividades físicas.

Cerca de um terço dos respondentes mencionaram atividades como lutas, caminhadas, passeios de bicicleta, tarefas domésticas e exercícios físicos, geralmente realizados em casa e, em sua maioria, sem acompanhamento de profissionais de Educação Física. Dois participantes relataram ainda a realização de exercícios de fisioterapia.

Em relação às intenções dos(as) estudantes ao praticarem atividades físicas, 25 (75,8%) afirmaram que a prática está relacionada à saúde, 13 (39,4%) à qualidade de vida, 8 (24,2%) à terapia, 6 (18,2%) ao lazer, 2 (6,1%) à estética, 2 (6,1%) à reabilitação, 2 (6,1%) ao alto rendimento, e 5 (15,2%) indicam outras motivações.

No contexto da pandemia, diversas recomendações foram divulgadas com o objetivo de reforçar os benefícios da manutenção da atividade física. A OMS, por sua vez, atualizou suas diretrizes sobre atividade física e comportamento sedentário, enfatizando que todo tipo de movimento é válido e que se manter ativo é essencial (OMS, 2020). Na mesma direção, o Ministério da Saúde orientou que a população mantenha ao máximo seus níveis de atividade física no atual contexto brasileiro, de forma a atenuar as consequências das medidas tomadas para combater a COVID-19 (Brasil, 2020).

Diante dessas importantes recomendações, devemos considerar que o distanciamento e isolamento social provocados pela COVID-19 trouxeram implicações na vida das pessoas com deficiência, inclusive na prática de atividade física. Concordamos com Bock *et al.* (2020), que destacam que a deficiência, além de ser uma experiência de vida singular, atua como uma lente de aumento para agravar situações difíceis, como o isolamento decorrente da pandemia.

Sendo assim, para além da simples reprodução do discurso de que as pessoas com deficiência devem praticar atividade física no contexto da pandemia, defendemos que essa prática não depende exclusivamente de uma decisão pessoal. Conforme o guia de Atividade Física para População Brasileira

(2021, p. 10), “[...] existem diversos fatores individuais, coletivos, ambientais, culturais, econômicos e políticos que facilitam ou dificultam que você tenha uma vida mais ativa”.

Nahas (2017), em seu estudo, observou que as pessoas com deficiências de qualquer natureza — física, intelectual ou sensorial — tendem a ser menos ativas fisicamente. Entretanto, este grupo tem as mesmas necessidades em termos de prevenção de doenças e incremento da qualidade de vida que a população em geral.

Portanto, faz-se necessário considerar todos esses aspectos relacionados à vida das pessoas com deficiência, bem como as condições objetivas e subjetivas que compõem a realidade de cada universitário. Além disso, é fundamental refletir sobre como a universidade pode contribuir por meio de estratégias de enfrentamento que visem amenizar os possíveis impactos na saúde desses sujeitos ao longo do período de pandemia e pós-pandemia.

### **Considerações Finais**

Em suma, este estudo permitiu-nos conhecer as vivências dos universitários com deficiência relacionadas à saúde em suas múltiplas dimensões, por meio da análise das implicações do ensino remoto nesse processo, estruturado em três categorias temáticas.

Portanto, os relatos apreendidos por meio da aplicação do questionário revelaram significados importantes atribuídos pelos universitários à COVID-19, os quais nos fazem reiterar a importância da acessibilidade comunicacional para a pessoa com deficiência, especialmente durante o período da pandemia. Isso porque, para prevenir o contágio e a transmissão do novo coronavírus, assim como para manter a saúde mental frente ao processo de saúde-doença, são necessários investimentos por parte do Estado, em conformidade com suas responsabilidades na garantia dos direitos da pessoa com deficiência. Além disso, é fundamental construir formas de sensibilização sobre essas questões, de modo que as práticas de cuidado relacionadas à saúde da população, pautadas na integralidade e nos diversos níveis de atenção, sejam efetivamente cumpridas.

No entanto, a conjuntura sócio-política-econômica do país contribui nos agravamentos de desigualdades sociais, na invisibilidade das pessoas com deficiência, nos casos de negligências junto às inúmeras violências diárias, nos diversos retrocessos e nas retiradas de direitos nas áreas da saúde e da educação. Consequentemente, esses fatores têm impactado diretamente a saúde tanto dos universitários

quanto dos professores, que se veem obrigados a criar estratégias de enfrentamento para minimizar essa avalanche de impactos em suas vivências.

Por fim, observamos que a implementação do ensino remoto modificou significativamente o cotidiano dos universitários investigados, gerando impactos não apenas na aprendizagem, mas também no aumento do sofrimento psíquico. Os relatos apreendidos evidenciam diversos desafios enfrentados, tais como: a falta de acessibilidade nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), a dificuldade no uso das tecnologias digitais, a sobrecarga de trabalhos acadêmicos e a ausência de apoio institucional. Tais fatores afetam diretamente a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, levando muitos estudantes a relatarem que não estão, de fato, aprendendo no sistema *on-line*.

Somados a isso, o medo de ser infectado, as incertezas quanto ao futuro e a redução de atividade física impactaram, de formas distintas, as vivências dos estudantes com deficiência durante o período pandêmico. Esse cenário revelou universitários desmotivados, com sentimentos de incapacidade e instabilidades emocionais. Diante disso, reiteramos a importância do NAC e do acompanhamento psicológico como recursos fundamentais de apoio à saúde mental e à aprendizagem desses estudantes, contribuindo para a garantia de uma formação profissional de qualidade.

## Referências

AGUIAR, W. M. J. de; MACHADO, V. C. Psicologia Sócio-histórica como fundamento para a compreensão das significações da atividade docente. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 33, n. 2, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/9j9Dk8S6PjT7MGjnNZTRKBr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

AGUIAR, W. M. J. de; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **R. Bras. Est. Pedag.**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/Y7jvCHjksZMXBrNjkqq4zjP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2024.

ARIÑO, D. O.; BARDAGI, M. P. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 12, n. 3, p. 44-52, dez. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472018000300005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472018000300005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 08 out. 2024.

ALMEIDA, M. R. **A formação social dos transtornos de humor**. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Botucatu, 2018.

BARBOSA; H. H.; ALMEIDA, V. O direito da pessoa com deficiência à informação em tempos da pandemia da Covid-19: uma questão de acessibilidade e inclusão. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, e5452, dez. 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5452/5114>. Acesso em: 12 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A quarentena na COVID-19: orientações e estratégias de cuidado**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020a. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/coronavirus/saude-mental-em-tempos-de-coronavirus/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

BRASIL. **Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020b. Disponível em: [https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro\\_saude\\_mental\\_covid19\\_Fiocruz.pdf](https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro_saude_mental_covid19_Fiocruz.pdf). Acesso em: 20 out. 2024.

BRASIL. **Saúde mental**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021. Disponível em: <https://pensesus.fiocruz.br/saude-mental>. Acesso em: 20 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Brasil #pátriavacinada**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/vacinacao/>. Acesso em: 12 set. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2019**. Brasília, 2021. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2019.pdf). Acesso em: 22 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. **Guia de Atividade física para a População Brasileira**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. 54p. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_atividade\\_fisica\\_populacao\\_brasileira.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_atividade_fisica_populacao_brasileira.pdf). Acesso em: 13 ago. 2024.

BRASIL. **Orientações sobre a prática de atividade física durante o período de pandemia**. Disponível em: [http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/ORIENTACOES\\_SOBRE\\_PRATICA\\_ATIVIDADE\\_FISICA\\_DURANTE\\_O\\_PERIODO\\_DE\\_PANDEMIA.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/ORIENTACOES_SOBRE_PRATICA_ATIVIDADE_FISICA_DURANTE_O_PERIODO_DE_PANDEMIA.pdf). Acesso em: 12 ago. 2024.

BRASIL. **Programa Incluir**. Documento orientador. Programa Incluir – Acessibilidade na Educação Superior Secadi/SESu, 2013. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13292-doc-orig-progincl&category\\_slug=junho-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13292-doc-orig-progincl&category_slug=junho-2013-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 12 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Edital nº 4. Seleção de Propostas. Programa Incluir: acessibilidade na educação superior. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 84, seção 3, p.39-40, 5 maio, 2008. Disponível: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_)

docman&view=download&alias=816-incluir-propostaspdf&category\_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 set. 2024.

BOCK, A. M. B. **As aventuras do Barão de Munchhausen na psicologia**. São Paulo: EDUC: Cortez Editora, 1999.

BOCK, A. M. B.; KULNIG, R. C. M.; FUMES, N. de L. F. Dimensão Subjetiva do Processo de Escolarização: desafios para a pesquisa. In: AGUIAR, W. M. J. de; BOCK, A. M. B. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica e educação**. Cortez Editora, 2020.

BONFIM, C. S.; MÓL, G. de S.; PINHEIRO, B. C. S. A (In)Visibilidade de Pessoas com Deficiência Visual nas Ciências Exatas e Naturais: Percepções e Perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/dsTvqBK8jMhc3rK6xQHWYMS/#>. Acesso em: 24 out. 2024.

FLICK, U. Pesquisa *on-line*: realização da pesquisa social on-line. In: **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 163-175.

HAMMES; I. C.; NUERNBERG; A. H. A Inclusão de Pessoas com Deficiência no Contexto do Trabalho em Florianópolis: Relato de Experiência no Sistema Nacional de Emprego. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 3, jul./sep. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ztSt94MWTdrLyQSXHQ6PnyB/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

LIMA, P. M. de; CARVALHO, C. F. de C. de. A Psicoterapia Sócio-Histórica. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 33, p. 154-163, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932013000500015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000500015&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 07 out. 2024.

MARTINS, O. B.; MOSER, A. Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch. **Revista Intersaberes**, v. 7, n. 13, p. 8-28, 2012. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/245>. Acesso em: 14 de set. 2024.

MARTINS, B. *et al.* Desafios do ensino remoto emergencial. In: **Anais do CONGRESSO DA UNIVERSIDADE, EAD E SOFTWARE LIVRE**. Consciência: a virtualização do ensino, ressignificando a aprendizagem. Universidade Federal de Minas Gerais, v. 1, n. 12, 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/18143>. Acesso em: 14 de set. 2021.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 12ª edição. São Paulo: Hucitec-Abrasco. 2010.

MORI, V. D.; GONZÁLEZ REY, F. A saúde como processo subjetivo: uma reflexão necessária. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 140-152, dez. 2012. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872012000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000300012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 08 out. 2024.

NAHAS, M. V. **Atividade Física, Saúde & Qualidade de Vida**: Conceitos e Sugestões para um Estilo de Vida Ativo. 7 ed. Florianópolis: do Autor, 2017. Disponível em: [https://sbafs.org.br/admin/files/papers/file\\_llduWnhVZnP7.pdf](https://sbafs.org.br/admin/files/papers/file_llduWnhVZnP7.pdf). Acesso em: 12 ago. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Covid-19**: OMS divulga guia com cuidados para saúde mental durante pandemia, 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707792>. Acesso em: 10 ago. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Stay physically active during self-quarantine**. Disponível em: <https://www.euro.who.int/en/health-topics/health-emergencies/coronavirus-covid-19/publications-and-technical-guidance/noncommunicable-diseases/stay-physically-active-during-self-quarantine>. Acesso em: 14 ago. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Cuidados inovadores para condições crônicas: componentes estruturais de ação**: relatório mundial. Brasília: OMS, 2003. Disponível em: [https://www.saudedireta.com.br/docsupload/1334798934Cuidados%20inovadores%20parte\\_001.pdf](https://www.saudedireta.com.br/docsupload/1334798934Cuidados%20inovadores%20parte_001.pdf). Acesso em: 22 set. 2024.

PEREIRA, É. L. *et al.* Invisibilidade sistemática: pessoas com deficiência e Covid-19 no Brasil. **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 25 (Supl. 1), e200677, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200677>. Acesso em: 10 set. 2024.

SANTOS-PINTO, C. D. B.; MIRANDA, E. S.; OSORIO-DE-CASTRO; C. G. S. O “kit-covid” e o Programa Farmácia Popular do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 2, e00348020, p. 01-05, 2021. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/static//arquivo/1678-4464-csp-37-02-e00348020.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

SAMPIERI, R. H. Métodos Mistos. In: SAMPIERI, R. H., CARLOS, F. C., LUCIO, M. D. P. B. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 14-604.

SAWAIA, B. B. Afetos em tempos de pandemia. In: SAWAIA, B. B. *et al.* (Org). **Expressões da pandemia**, vol. 1, Nexin, 2020. Disponível em <https://www5.pucsp.br/nexin/expansoes-da-pandemia/expressoes-da-pandemia-vol-1.pdf>. Acesso em: 06 out. 2024.

SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p.364-372, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/SNXmnP85p4XsKmsrWgbgtp/?lang=pt>. Acesso em: 20 de out. 2021.

SILVA, M. Q. da; AMORIM, R. O. de; FUMES, N. de L. F. O uso das tecnologias digitais por alunos com deficiência na educação superior. In: **Anais Congresso Nacional de Educação**, 2020, Campina Grande.

Anais do Congresso Nacional de Educação. Campina Grande: Realize, 2020.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Licença Creative Commons – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CCBY-NC4.0)

### **Como citar este artigo:**

FERREIRA, Raíssa Matos; AMORIM, Rosiane Oliveira de; MENEZES, Suzy Kamylla de Oliveira; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico. Ensino remoto na pandemia da COVID-19: desigualdades e implicações na saúde de universitários com deficiência. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 22, 2025.

Disponível em:

<https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/11393>.

Acesso em: dd mmm. aaaa.

**Financiamento:** O estudo não recebeu financiamento.

**Contribuições individuais:** Conceituação, Metodologia, Recursos, Software, Visualização, Curadoria dos Dados, Investigação, e Escrita – Primeira Redação: Raíssa Matos Ferreira. Análise Formal, Administração do Projeto, Supervisão, Validação, e Escrita – Revisão e Edição: Rosiane Oliveira de Amorim.

**Declaração de uso de Inteligência Artificial:** as autoras declaram, sob sua responsabilidade, que não foram utilizados recursos de Inteligência Artificial neste manuscrito.

**Revisor:** Aleph Danillo da Silva Feitosa (Revisão de Língua Portuguesa e ABNT).

### **Sobre as autoras:**

RAÍSSA MATOS FERREIRA é doutora em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Mario Pontes Jucá (UMJ).

ROSIANE OLIVEIRA DE AMORIM é mestra em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professora de Educação Física na Rede Pública de Educação de Alagoas.

SUZY KAMYLLA DE OLIVEIRA MENEZES é doutora em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professora de Informática do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) - Campus Palmeira dos Índios.

NEIZA DE LOURDES FREDERICO FUMES é doutora em Ciências do Desporto e Educação Física pela Universidade do Porto. Professora Titular da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), onde atua no

Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado e no Doutorado), do CEDU/UFAL e no curso de graduação em Educação Física (Licenciatura e Bacharelado), do IEFE/UFAL.

Recebido em 26 de maio de 2024  
Versão corrigida recebida em 26 de setembro de 2025  
Aprovado em 15 de dezembro de 2025